# PRÁTICAS DE COMUNICADORES INSERIDOS EM ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM CURITIBA NA INTERNET

**GT8: Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania**

Dra. Nivea Canalli Bona
Centro Universitário Internacional Uninter
Brasil
bonanivea@gmail.com

**Resumo**

O trabalho aqui apresentado é uma reflexão realizada a partir das práticas comunicacionais relatadas por dois comunicadores inseridos em organizações sociais localizadas em Curitiba, Paraná, Brasil. Eles foram originalmente entrevistados para a construção de trajetória de vida midiática para a tese de doutorado. Por meio da entrevista em profundidade se buscou entender como estão se dando as práticas comunicacionais, no ambiente da internet, de comunicadores inseridos em organizações que se originaram em movimentos sociais. A construção do cenário que forma parte das bases teóricas para essa reflexão traz movimentos sociais que acabam se institucionalizando em meio a onda das onguinizações ocorrida nos anos 90 e a busca dessas organizações pela profissionalização da comunicação organizacional. Faz parte desse contexto, ainda, o desenvolvimento de uma sociedade midiatizada e a visão da internet como uma forma de se dar voz e democratizar a comunicação de massa que se mantém concentrada em poucas mãos.

O ponto de partida do nosso trabalho é entender a caminhada das organizações e movimentos sociais no Brasil, desde os anos de "chumbo" da ditadura até os dias atuais desse terceiro milênio atravessou profundas alterações[1]. De atitudes e posturas combativas, que promoviam um enfrentamento entre a sociedade civil organizada e o Estado, viu-se abrir um leque de novas configurações tanto dos movimentos quanto de suas ações. Os conflitos de outrora não são os mesmos[2]. A maneira de lidar com eles também não é a mesma. Dentre as transformações realizadas, viram-se movimentos que se mantiveram com uma posição mais combativa, formados em bom número por voluntários militantes que possuíam dentre suas ânsias a mudança das lógicas sociais. Outros se institucionalizaram fazendo parte do grande *boom* de ONGs nos anos 1990 que tinha, dessa maneira, um caminho na conquista de financiamentos para suas ações, que vinham do próprio Estado ou de organizações internacionais. O intuito era encontrar formas de promover suas bandeiras, que tinham as mais variadas temáticas, como a busca por direitos humanos e cidadania, pela preservação do meio ambiente, por terra para todos, por moradia, por educação, por igualdade de gênero, contra a violência, por geração de renda, por uma economia solidária, enfim, por dimensões diversas relacionadas ao conflito social. As ONGs, que eram organismos originalmente criados para dar suporte técnico aos movimentos acabam por tomar, em muitos casos, o lugar desses, institucionalizando as lutas e administrando os financiamentos (MONTAÑO, 2005). Com a institucionalização e a busca por um fazer mais técnico as estratégias comunicativas, que antes se concentravam em soluções alternativas aos meios de comunicação de massa - que na época (nos anos 1970 e 1980) figuravam como cenários hegemônicos da informação - também foram se modificando. Acostumados a elaborar panfletos caseiros, pasquins, cartazes, realizar passeatas, utilizar rádio-corneta, distribuir filipetas voadoras, fazer tevê de rua, esses movimentos viram surgir formas de

[1] Ver Gohn (2005), Peruzzo (1998), Sherer-Warren (1993), Montaño (2005).
[2] Touraine (1998).

produção de comunicação mais amplas, como as rádios-comunitárias e, mais recentemente, a rede mundial de computadores. A abertura democrática ainda estimulou as possibilidades de inter-relação com a mídia de massa, já que a busca pela iniciativa popular, pela comunidade (dentro do conceito do glocal), pela cidadania e pela participação de todos acabou ganhando, de certa forma, as pautas desses meios.

Na atualidade, movimentos com bandeiras diversas também começaram a repensar suas formas de comunicação e a visualizá-la como dimensão estratégica para divulgar suas demandas e se posicionar na arena social. Dessa forma, movimentos, grupos e organizações que privilegiavam a comunicação alternativa[3] há duas ou três décadas passaram a pensar os processos de comunicação de maneira estratégica. Surgem, ainda, organizações formadas com o objetivo de facilitar a aproximação das ONGs e movimentos sociais com a imprensa (tevê, rádio e jornal) ou mesmo para auxiliar no planejamento de estratégias de comunicação adequadas a cada necessidade.

Algumas organizações originadas de movimentos sociais ou que serviram de base ou assessoria para esses movimentos e que se transformaram em ONGs foram em busca de financiamento em organismos internacionais para poder manter uma certa coerência de combate ao que viam como Estado autoritário. Outras aliaram-se ao Estado na busca de metodologias e de recursos financeiros para tentar sanar demandas sociais comuns, mas a intenção ainda seria buscar a independência das diretrizes do Estado. O problema maior é que os

[3] Trataremos aqui do termo *"alternativa"* para nomear as comunicações desenvolvidas por movimentos sociais em contraposição ao discurso alinhado da grande imprensa. Grinberg (1987, p. 20), quando reflete sobre a caracterização do conceito de *comunicação alternativa* questiona: "(...) se alternativa significa opção entre duas coisas(...) cabe agora perguntar: Opção frente a que outros meios?". A acepção que é tomada aqui é a que se coloca como uma comunicação alternativa a que os meios de comunicação de massa oferecem. Mas há que se ressaltar que, em meio à sociedade em processo de midiatização, altamente complexa, tratar alternativo como uma contraposição entre dois polos é ingênuo.

financiamentos externos foram escasseando; assim, essa independência do Estado nunca existiu realmente (GOHN, 1997, p. 313).

Nesse cenário de diversidade institucional entre movimentos sociais, *ONGs* e *OSCIPs*, algumas se configuraram como meros captadores de recursos ou mesmo fachada para conquista de facilidades fiscais por empresas privadas que, muitas vezes, criam fundações, institutos e organizações filantrópicas com o intuito de instituir uma imagem "positiva" em tempos de consumidores atentos a comportamentos socialmente responsáveis.

Dagnino (2008) levanta essa questão a partir dos conceitos de sociedade civil e de Estado dentro de um projeto político neo-liberal. Para ela, como para Montaño (2005), há uma confluência perversa nessas transformações de movimentos em ONGs que promove o modelo neoliberal, já que as ONGs se adaptam estruturalmente a uma maior autonomização na qual se perdem os vínculos orgânicos com os movimentos sociais e se prestam serviços por contratações feitas pelo Estado com fundos internacionais, muitas vezes. Nesse processo, as ONGs acabam deixando de representar a sociedade civil para refletir, muitas vezes, somente a vontade de suas equipes diretivas. Montaño (2005), que possui uma leitura específica desse cenário[4], enxerga as *ONGs* e *OSCIPs* como organizações que foram criadas para "assessorar" os movimentos sociais, mas esse papel acabou por se inverter. Com efeito, as ONGs passaram paulatinamente, a ocupar o lugar dos movimentos sociais, deslocando-os de seu espaço de luta e da preferência na adesão popular. Por diversos motivos, a ONG, outrora concebida para apoiar o movimento social, passa agora a ser o ator principal nesta relação. A ONG passa a ocupar o lugar do movimento social.

[4] Para ele a abertura social e a injeção de verbas nas ONGs e em organizações similares é parte de um projeto neo-liberal de apaziguar os ânimos dos conflitos sociais e desresponsabilizar o Estado das suas obrigações em relação ao bem-estar da população. Assim, as ONGs acabam de alguma forma"compensando" de maneira fragmentada e desvinculada essas lacunas que o Estado não cumpre. (MONTAÑO, 2005)

As organizações que trazemos aqui nesse estudo, nas quais dois comunicadores estudados (Alison e Elisa) estão inseridos: Cefuria, Plataforma Dhesca e Terra de Direitos, possuem vínculos fortes com os movimentos sociais de base e, até pelo que vimos acompanhando-os, certa coerência em relação às lutas dos movimentos e associações de base. As chamaremos de organizações sociais[5] porque se instituem como ONGs, mas possuem origem arraigada em movimentos sociais.

O Cefuria por meio do seu site apresenta-se da seguinte forma:

> A palavra CEFURIA é a sigla ou nome fantasia do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo. Uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, cuja finalidade é fortalecer a organização popular e as lutas do povo por melhores condições de vida. Seu nome é uma homenagem à Irmã Araújo, cuja vida foi dedicada à organização dos pobres da região sul de Curitiba para resolução de seus problemas concretos, principalmente aqueles relacionados à saúde.[6]

Com a participação de diversos movimentos e integrantes das CEBs[7], além de lideranças de Associações de Bairro, a reunião de pré-fundação[8] do *Cefuria* aconteceu em 28 de junho de 1981. Na época da sua fundação, "o grupo de

---

[5] Touraine entende como movimento social o que enfoca a ação coletiva motivada pelo questionamento de uma forma de dominação social, invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade na qual ambos estão inseridos, tentando privar seu adversário de legitimidade (TOURAINE, 1998, p.113). Lançamos mão também do que Gohn propõe como o que são "movimentos sociais progressistas, que trabalham segundo uma agenda emancipatória, realizam diagnósticos sobre a realidade social e constroem propostas" (2003, p.14).

[6] Disponível em: <www.cefuria.org.br>. Acesso em: 15 de maio de 2012.

[7] Comunidades Eclesiais de Base.

[8] Estiveram presentes 78 pessoas na reunião de pré-fundação entre integrantes das CEBs, Movimentos Populares, Pastorais e Sindicatos. (SOUZA, 2006, p. 36).

militantes cristãos, engajados no movimento popular, sentia necessidade de um espaço onde seus membros pudessem se encontrar, para estudar e refletir sobre suas ações coletivas" (SOUZA, 2006, p.27). E por outro lado, "a MISEREOR, que é uma ONG alemã, ligada à Igreja Católica, estava aportando recursos, destinados a ela pela União Europeia e procurava uma organização no sul do Brasil para (...) funcionar como apoiadora dos projetos destinados ao combate às desigualdades e injustiças sociais" (SOUZA, 2006, p.27).

Desde então o Cefuria tem se colocado como uma organização que auxilia movimentos sociais e associações de bairro guardando uma tendência bem combativa. Ali o comunicador Alison[9] trabalhou por mais de 7 anos e agora é o comunicador da Plataforma Dhesca deixando Elisa[10] responsável pela comunicação do Cefuria mesmo esta já trabalhando na Terra de Direitos.

A Plataforma Dhesca é um coletivo de 36 movimentos sociais e organizações da sociedade civil. Fazem parte dela desde o *MST nacional, IBASE, Comissão Pastoral da Terra, Articulação das Mulheres Negras Brasileiras*, entre outros. Seu objetivo é: "contribuir para a construção e fortalecimento de uma cultura de direitos, desenvolvendo estratégias de exigibilidade e justiciabilidade dos Dhesca, bem como incidindo na formulação, efetivação e controle de políticas públicas sociais"[11]. A Dhesca Brasil atua em três frentes: o Monitoramento em Direitos Humanos no Brasil; a Integração Regional e as Relatorias de Direitos Humanos. Dessa forma, ela se constitui em um organismo de fiscalização e lobby dos movimentos sociais. Uma organização para fazer parte dessa plataforma precisa ser indicada por uma já existente, formalizar o pedido com as motivações e ser aprovada por unanimidade pelos membros da assembléia de apreciação.

---

[9] Pseudônimo.
[10] Pseudônimo.
[11] Disponível em: http://www.dhescbrasil.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=46&Itemid=108

Fundada em 2002, a *Terra de Direitos* é uma Organização Não Governamental de assessoria jurídica popular sediada na cidade de Curitiba, estado do Paraná. É formada por doze advogados e uma profissional de comunicação, Elisa, trabalhando a partir de quatro linhas de atuação. A primeira se relaciona com as temáticas de terra, território e equidade espacial[12]; O segundo eixo trata da biodiversidade e economia alimentar, e atua-se em relação ao uso de agrotóxicos, código florestal, economia alimentar e produtos transgênicos; O terceiro eixo trata da justiciabilidade,[13] direitos humanos e democratização da justiça, que possibilita o acesso à justiça e movimentação do poder judiciário e o quarto há o trabalho com política e cultura de direitos humanos, que busca divulgar os direitos humanos e a defesa desses direitos.

Essas três organizações sociais entendem a comunicação de maneiras diferentes, mas as três estão realizando práticas de comunicação na internet. O Cefuria concentra seus objetivos em comunicar pelos movimentos assessorados, a Plataforma Dhesca, sendo um organismo representativo, precisa dar publicidade às suas demandas e projetos e a Terra de Direitos possui também o objetivo de alcançar a opinião pública divulgando as lutas empreendidas. Essas são percepções a partir do que tem sido feito de comunicação em cada organização, mas é por meio desses comunicadores que entendemos essas práticas na internet.

As organizações aqui estudadas estão inseridas em um contexto de uma sociedade dos meios que transforma-se em uma sociedade midiatizada. Isso significa que a centralidade dos processos informacionais deixa de se localizar nos meios de comunicação de massa para se complexificar com a criação de outros espaços como as rádios-comunitárias, tevês-comunitárias e a grande rede de

[12] Informações retiradas do site.
[13] O termo justiciabilidade é um neologismo da organização. Pretende expressar a busca pela justiça.

computadores, a Internet. Movimentos sociais, antes alijados e sem voz perante a sociedade e a opinião pública, descobrem a força da mobilização que se inicia e,ou se configura através de redes virtuais e se transporta para o real. As denúncias acabam alcançando distâncias que em outro tempo não seriam possíveis, influenciando no desenlace de questões locais. A velocidade das publicações e reações/respostas sobre novas informações (muitas vezes sem filtros ou censuras) nos dias atuais e o espaço libertário (CASTELLS, 2003) que a Internet potencia desde sua origem podem propiciar a voz e a repercussão que muitos desses grupos almejaram durante décadas para expor seus propósitos, lutas, sua versão dos fatos e para serem levados em conta socialmente. Mesmo assim há caminho a se percorrer. Questões como o acesso à tecnologia que torna esse movimento informacional mais democrático, o conhecimento técnico requerido para a apropriação efetiva das novas possibilidades como redes sociais, blogs e *websites* e a própria convergência dessas plataformas com os outros meios de comunicação, inclusive os de massa, mostram-se um desafio de relevo para os movimentos sociais. Em tempos de cibercultura, de novos territórios simbólicos, comunidades e redes virtuais, o ambiente digital mostra-se como uma esperança mas, ao mesmo tempo, como um caminho que pode conter diversas armadilhas para os movimentos.

Neste cenário de investimento em processos comunicacionais realizados dentro de cada organização, as atenções desses grupos que querem um lugar no imaginário social (LACERDA, 2003) recaem sobre o comunicador, aquele que torna possível e real essa construção de estratégias de comunicação dentro da organização a fim de atingir públicos diversos. Mas como ele tem trabalhado essa comunicação, na ambiência da internet, dentro das organizações e movimentos sociais? Nessa busca, e no recorte de investigação que aqui fazemos, vemos que esse ator é, muitas vezes, um militante mas também traz a técnica apreendida na formação escolar. Novas configurações e desafios estão exigindo, muitas vezes,

um profissional múltiplo, que possua o conhecimento técnico mas que agregue, também, a formação humanística acima de tudo.

É importante, aqui, também, levantar as especificidades da comunicação nesses movimentos sociais. A demanda que engloba contato com a imprensa, com diversos outros públicos específicos e a gerência de uma ampla variedade de meios e estratégias de comunicação que pode se alterar de maneira radical dependendo da organização e de sua bandeira, é muitas vezes determinada pelo contexto e momento em que essa organização está inserida.

Nessa alteração de uma sociedade de massa para uma sociedade midiatizada o meio não desaparece, ele é dinamizado nessa disputa de espaço na arena da informação e da visibilidade. Além de ser dinamizado, ele se complexifica quando o processo histórico gera saberes e poderes acerca desses saberes (Verón, 2005). Por outro lado, a cultura midiática não se concebe apenas como um estágio avançado de trocas de produtos culturais. Para Mata (1999, p.85), a cultura midiática

> constituiria, en cambio, un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios. En ese sentido, la mediatización de la sociedad – la cultura mediática – nos plantea la necesidad de reconocer que es el proceso colectivo de producción de significados a través del cual un orden social se comprende, se comunica, se reproduce y se transforma, el que se ha rediseñado a partir de la existencia de las tecnologías y medios de producción y transmisión de información y la necesidad de reconocer que esa transformación no es uniforme.

Como diz Castells (2003) a Internet nasceu da improvável interseção da *big science,* da pesquisa militar e da cultura libertária com características que são mantidas até hoje: “uma estrutura de rede descentralizada; poder computacional distribuído através dos nós da rede; e redundância de funções na rede para diminuir o risco de desconexão. Se traduziam em flexibilidade, ausência de um centro de comando e autonomia máxima de cada nó” (CASTELLS, 2003, p.20). Isso nos dá a entender que o uso que se faz dela pode ser mais libertário do que de outras mídias.

Trazemos aqui dois comunicadores, Alison e Elisa, que foram contatados por meio de entrevistas em profundidade em julho de 2012 e julho de 2013, nas dependências das organizações sociais em que trabalham. Neste trabalho trazemos partes dessas entrevistas que fazem algumas reflexões sobre as práticas comunicativas desses comunicadores na internet. Haverá impressões das três organizações, feitas por ambos, porque Alison trabalhava no Cefuria e depois continua sua missão na Plataforma Dhesca e Elisa trabalha atualmente tanto no Cefuria quanto na Terra de Direitos, sendo 20h/semana em cada.

Alison é formado em jornalismo e Relações Públicas, possui ao redor de 30 anos e é casado. Sua vida profissional é focada prioritariamente em organizações sociais e se intitula militante. Ele conta que quase 100% da comunicação da *Plataforma Dhesca* é feita no ambiente digital. Os relatórios e cartilhas, que são oferecidos a um público restrito por causa da linguagem utilizada, também são produzidos no meio impresso.

Assim como quando estava no Cefuria, afirma que não se sente bem fazendo assessoria de imprensa. Não gosta de “correr” atrás de jornalista e tem uma opinião estabelecida sobre como os meios de comunicação de massa enxergam a

publicação ou cobertura do que vem dos movimentos sociais. Tratar de Direitos Humanos, na visão dele, parece ser ainda pior do que divulgar outras conquistas relacionadas aos movimentos ligados ao *Cefuria*, quando os assessorava. A mídia de massa simplesmente não publica. A não ser quando é algo que interessa para deslegitimar algum órgão ou empresa que interessa.

No *Cefuria*, a internet permitiu que muito da produção dos movimentos em geral tivesse mais divulgação, mas o problema, era o acesso dos públicos finais as tecnologias e a esse conteúdo.

> A gente tem bastante acesso na internet. Tem pessoas do Brasil todo que pedem materiais, “ah, eu queria o vídeo de vcs!, pedem materiais... Recebi emails da Bahia, de Minas, Mato Grosso, falando do material. Acho que continua sendo o nosso principal meio de divulgação: a internet. (...) E aí os vídeos eles não acessam pela internet, mas aí é mostrado na comunidade. Eu acho que basicamente é a internet. Porque o nosso programa e as nossas reportagens vão pra internet... (Alison, 2012)

Mesmo assim, ele vê a internet como mais do que simplesmente um meio de divulgar feitos, mas também com possibilidades formativas. E mais, entende que a maneira que ele trabalha afeta o movimento social, talvez porque nessa configuração ele tem autonomia para decidir pelas estratégias mais adequadas em relação ao que foi pensado anteriormente e discutido com o grupo integrante.

Já no trabalho da *Plataforma,* mesmo sabendo que muito do que a tecnologia poderia oferecer ainda não está em plena atividade, ele faz questão de usar o que tem em mãos para poder realizar o trabalho de comunicação a que se propõe.

> A gente usou *[streaming]* no seminário agora de junho. Precário, a gente nunca tinha usado, eu meti a cara, e pensei, eu vou colocar um notebook. Não funcionou a câmera, e coloquei um notebook e transmiti. Estamos transmitindo o seminário sobre laicidade do estado e fizemos a transmissão, numa qualidade bem inferior, e foi um pontapé, e funcionou, o áudio estava perfeito. Eu acho que é um caminho mesmo, hoje eu acompanhei pela TVT[14] um debate sobre o marco legal da internet, então acho que essa coisa de você não depender mais, eu não dependo mais da Globo pra ter informação. (Alison, 2013)

Mesmo acreditando que o que existe na Internet (redes sociais, youtube etc) deve ser usado em prol dos movimentos, Alison critica a maneira como todo o aparato tecnológico está sendo usado. Ele sabe que ainda falta muito de acesso para ser realmente democrático, mas o problema, na visão do comunicador, reside na maneira como está sendo usada.

> Eu acho que falta [acesso], mas quanto mais acesso, quanto mais informação a gente pode entrar, a ignorância continua a mesma. Eu vou dar um exemplo do que eu vi hoje. O Congresso aprovou o PLC 3/13, que trata do atendimento às vítimas de violência sexual e os evangélicos e a Igreja Católica caíram de pau em cima do projeto, porque ele tem um item, o artigo 12, ele não está claro, só que no projeto estava mais claro o que era: é um tratamento após um caso de estupro. A Igreja Católica e Evangélica já pediram veto integral do PLC, e eu, como tenho muitos amigos

[14] http://www.tvt.org.br/

> evangélicos no meu *Facebook,* vi hoje uma imagem com sangue, com uma criança na mão de alguém, com aborto, com “veta Dilma, o Congresso já aprovou a Lei do Aborto, a Dilma tem que vetar”. (Alison, 2013)

Já Elisa, numa avaliação da comunicação nos movimentos sociais, entende que do predominantemente “alternativo” se está saindo para um “avanço no entendimento que é importante a comunicação, a estratégia, ter veículos que funcionem”. Mas para ela há ainda muito que se andar, entre entender a importância e o quanto se torna definidor poder viabilizar essa comunicação. Porque, se for para fazer uma avaliação atual, o trabalho de comunicação nas organizações está precarizado, está muito misturado com outras demandas.

De início, a comunicadora entendia que a comunicação na *Terra de Direitos* era colocada no plano do técnico mesmo e que, muitas vezes, essa visão das organizações de pensar a comunicação de maneira somente “bancária” - para usar um termo de Paulo Freire – acabava não mudando muito as coisas. Na visão dela as organizações poderiam pensar mais amplamente contribuindo a partir do “próprio quintal” para a democratização da comunicação como um todo, pensando em algo de conjunto, de sociedade.

Elisa possui outra visão do trabalho de Assessoria de Imprensa para os movimentos e organizações. É uma estratégia que, na visão da comunicadora, deve ser tentada – não é o cerne do que se deve trabalhar de comunicação, mas a posição dela é de tentar. Pelos seus relatos, ela não destina tempo precioso para realizar esses contatos como envio de *release* e *follow up* com freqüência, mas, quando pode, envia materiais para quem conhece nos meios.

Eu acho que a gente tem que se utilizar de todo espaço que for possível de abrir, assim. E lá na *Terra de Direitos*, e aqui, no *Cefuria* a experiência é geralmente positiva, sabe? De ter jornalista de dentro do jornal que fazem exatamente o que você está falando e que conseguem, a partir do seu ponto de vista pessoal, também da sua orientação, colocar coisas interessantes que você nem acredita, que vão entrar na *Gazeta*, que vão entrar em determinado jornal e tal. Por exemplo, a *Terra de Direitos* ganhou um prêmio o ano passado. O prêmio "Inovare" com um projeto lá do Sabará. É projeto antigo e tal de uso-capião lá. E esse prêmio foi muito divulgado: *Jornal Hoje*, o *Globo*, e outros jornais, assim, nacionais, e que fizeram uma cobertura... Com toda a limitação do espaço e de tempo... Em TV e tal, né? Mas fizeram entrevistas longas até em jornal impresso, em blogs, em sites e tal, na *Gazeta*... E deram visibilidade para uma ação que se não fosse o prêmio, né, ou essa abertura pra que a mídia faça mesmo essa cobertura talvez, tem muita gente que não saberia do Sabará, daquele contexto que eles viveram lá. De ter 20 mil famílias numa região de ocupação. Enfim, todo um contexto que acaba sendo visto por conta dessa exposição. Da entidade ter essa abertura. Fora outros casos tantos. Que nem aqui no *Cefuria* e pela *Assembleia Popular*, né, a gente acompanha muitos casos de conflito fundiário urbano. Toda vez que está tendo conflito a gente escreve um *release*, liga e aí a imprensa estando lá, muitas vezes, utilizam termos preconceituosos, termos, os invasores.... E colocando... Aí, sim, tem jornalistas que a gente até chama estrategicamente que vão fazer uma

> cobertura que não é de enaltecer a importância da propriedade privada em detrimento dos trabalhadores que ocuparam porque não tinham onde morar e tal... E que acaba até fazendo pressão pra que o poder público não vá lá e tome uma iniciativa dura. Enfim, de alguma forma a gente está entendendo que é importante fazer release sempre que possível, e de ter contatos específicos dentro dos veículos. (Elisa, 2012)

No ambiente digital, Elisa vê que se está avançando, mas ainda há resistências que pode perceber vindas dos próprios comunicadores, jornalistas.

> Eu não sei se resistência é a palavra... A partir do jornalista, né? Mas é, de talvez não estar dando a importância que poderia estar sendo dada pra mídia, né? Pras redes sociais... Coisas que hoje são simples até de operar e tudo, mas que às vezes fica secundarizado, assim, sabe? Mas acho que não é uma aversão daquele tipo: a gente não pode ter um *Facebook*... Acho que não é duro, assim. Mas é demorar pra fazer o *Facebook*, é não atualizar sempre que pode, né, é esquecer, por exemplo, pôs a nota no site e esquecer de colocar no *Facebook*, no *Twitter,* tal... Uma coisa meio que de pegar no tranco, ali, né? De incorporar essa mídia nas nossas práticas e usar ela em tudo que for possível, né? Acho que a gente ainda usa de forma meio moderada, sem dar a devida importância muitas vezes (Elisa, 2012).

Segundo Elisa, essas ferramentas disponíveis pela Internet deveriam ser muito mais usadas, de maneira mais estratégica. A vantagem para ela é exatamente a

“gratuidade” do veículo, mas entende que aquela atenção dada à área de comunicação citada anteriormente deve ser movida para também a dedicação a esses meios. Isso não dispensa, na opinião dela, as outras mídias, impressas e rádio, por exemplo, mas a comunicadora entende que todos têm seu papel e, sendo a web esse “mundo todo” paralelo, era importante realmente tratá-la de maneira estratégica até porque, fora o próprio impresso, é a maneira mais democratizada de se comunicar na atualidade.

> Mas uma coisa que eu acho que a gente precisa avançar bastante é, por exemplo, a gente aproveitar aquilo que a Internet possibilita hoje de rádio web, inserção de vídeos tanto pra gente registrar e arquivar conteúdos de trabalho. Não deixar se perder porque tem muito material produzido hoje em dia que a gente não edita, não publica, não... Não divulga. Tem muitos exemplos disso assim de evento. A gente vai lá, grava tudo, e no fim não edita e não coloca nem lá no *youtube*. E aí as pessoas acabam não tendo acesso imediato ali. Por exemplo, aqui no *Cefuria* o ano passado, a gente entrou bastante nesse debate. Tem o curso de rádio popular, mas a rádio comunitária é um espaço absolutamente elitizado no sentido do acesso, né? Poucas pessoas conseguem ter acesso à rádio comunitária, especialmente porque elas não são comunitárias, elas não têm características de rádio comunitária. E a gente não, a gente faz o curso pensando nisso e não constrói alternativa, por exemplo, de ter uma rádio web, que fosse pelo menos um exercício né?

> A internet não é acessível pra todo mundo, ainda, especialmente com os grupos que a gente trabalha. Com os quais a gente trabalha... Mas é pra exercitar, pra poder publicar, pra organizar nosso conteúdo produzido. Se não há rádio comunitária e a gente não cria outras iniciativas é uma formação que acaba não tendo vazão... Assim, sabe, a gente no passado entrou bastante nesse debate. E esse ano estamos com a tarefa de construir uma rádioweb aqui no *Cefuria* buscando fazer uma rede de rádios no Estado assim, né? (Elisa, 2013)

Ela ainda aponta essa mudança no acesso – mais acesso – em relação aos públicos de interesse. Entende que há mais acesso, mais resultados sendo alcançados pelo meio digital e tem aumentado suas habilidades relacionadas a mídia para realmente traçar estatísticas utilizando o *Google analytics*, que é uma ferramenta ofertada pelo *Google* para se medir o tráfego em algum website específico.

> Pelo *Facebook* a gente pode ter esse retorno, de visualizações, por ser uma página, aparece lá. E é uma coisa que está para avançar, porque a gente agora mudou o *site*, que antes estava numa plataforma completamente difícil de acessar, era acessado por apenas um único computador, era bem antigo assim. A gente mudou com pouquíssimo dinheiro, pra um sistema melhor, com certeza, mas visualmente está com muita coisa pra melhorar, mas a partir dessa mudança de *site* a gente conseguiu atualizar de qualquer lugar, naquele formato que hoje é usado por todo mundo, mas que o antigo era precário. E tem esse projeto de

> usar aquelas malas diretas, envios de boletins institucionais com informações nossas por e-mail e isso tem a ver com organizar o *mailing,* ter um cuidado que hoje a gente não tem. Pra mim é difícil pensar que a gente demora muito pra fazer isso, porque é o básico, a gente tem que conseguir organizar isso e ter uma pasta com os nossos contatos virtuais pra mandar os convites, mandar boletins, mandar informes, enfim (Elisa, 2013).

Elisa descreve as possibilidades de atuação pelas redes sociais como vantagens estratégicas, como campanhas que indiquem o próprio site da organização. Não entende isso como uma facilitação ao seu trabalho – "não que eu vá conseguir fazer tudo nas minhas 20 horas aqui" – mas vê com bons olhos o uso digital para realmente impulsionar certas demandas dos movimentos.

> Mas aí na *Terra* a coisa é muito mais visível. A gente usa o *Facebook*, o *Twitter,* diariamente, aí eu acho que quando eu entrei na *Terra* acho era um período que eu também senti isso, que aquilo estava dado ainda que todas as entidades e organizações sociais iam se entregar ao *Facebook*. Eu sentia uma coisa assim ali que, por exemplo, mesmo o *Brasil de Fato,* que é o jornal da esquerda, não tinha se tocado que tinha que publicar tudo no site, tinha que divulgar tudo pelo *Facebook.* Ou mesmo as organizações, tipo a *Terra de Direitos,* via uma timidez nisso e acho que a coisa avançou 100%, porque conforme você começa a usar e dar retorno, aí a coisa engrena.

> Hoje a gente, eu lembro que quando entrei a página da *Terra* tinha recém sido feita, era um perfil, e aí a gente criou, migrou para uma página mesmo. Aí hoje tem 3.800 pessoas que curtiram, é bastante. E tem um retorno muito interessante, tudo que a gente publica lá, pessoas que compartilham, comentam, curtem, a gente vê que por ali a coisa se multiplica mesmo, em âmbito nacional, coisa que pro *Cefuria* não acontece, porque ele tem uma atuação que é mais local, tem uma coisa que é mais micro, tem trinta e tantos anos, poderia ser mais reconhecida. É o resultado de não dar tanta importância, poderia ter mais comunicação institucional. (Elisa, 2013)

Ela aponta grandes lições também aprendidas no uso diário das ferramentas de internet. Com prática aprendeu a prestar atenção aos destaques, postar uma informação que realmente vai circular, que tipo de título precisa dar, quais imagens são melhores de serem colocadas e com a atenção em um público que não está comumente no debate. Tudo isso medindo pelas estatísticas que as páginas oferecem. Há um estudo no fazer diário, uma reflexão visando o aprimoramento estratégico. Ela ainda aponta grandes planos nesse fazer cotidiano em ambos os movimentos, de maneira participativa, mas sempre revendo de maneira reflexiva o que pode ser melhorado, inclusive no que se trata de estética e técnicas específicas de argumentação, como por exemplo, a atualização da logomarca do *Cefuria* do ponto de vista do *design.* O formato é outra preocupação.

**Considerações finais**

A Internet tem sido vista como uma forma mais democrática de se ter voz e se dar as notícias e contar as estórias sem tendências ou filtros ideológicos dos meios de

comunicação de massa. Esse uso pode ser feito, principalmente, pelas organizações que durante muito estiveram alijadas da comunicação no sentido mais amplo, focando-se somente em estratégias alternativas e locais.

Pela amostra que vimos dos dois comunicadores, as iniciativas de comunicação estão sendo tomadas pelos comunicadores inseridos nessas organizações. Muitas vezes tateando possibilidades e enfrentando preconceitos “cultivados” em anos mais combativos, como a resistência em se realizar assessoria de imprensa e em outras assimilando práticas realizadas no mercado como medição de efetividade por meio de dispositivos gratuitos da web ou mesmo na tentativa e acerto. O que se estabelece é que em uma sociedade midiatizada em que as relações se complexificam mais, as organizações sociais estão tomando seu lugar na internet, de um jeito ou de outro, experimentando e fazendo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


Dagnino, E. (2004) Confluência perversa, deslocamentos de sentido, crise discursiva. In: Grimson, A. (org.). *La cultura en las crisis latinoamericanas*. (pp. 195-216). Buenos Aires: CLACSO.

Gohn, M.G. (1997) *Teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola.

Gohn, M.G. (2003*) Movimentos sociais no início do século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Grinberg, M. (1987) Comunicação alternativa: dimensões, limites, possibilidades. In: Grinberg, M. (org.). *A comunicação alternativa na América Latina.* Petrópolis: Vozes.

Lacerda, J.S.(2002). A internet na gestão dos movimentos sociais: estudo de caso das estratégias discursivas da Rede Brasileira de Comunicadores Solidários à Criança. In: Cogo, D., Kaplun, G., & Peruzzo, C. *Comunicação e movimentos populares: quais redes?* São Leopoldo,RS: Ed. Unisinos.

Mata, M. C. (1999) De la cultura masiva a la cultura mediática. Lima, Peru. *Felafacs*, 56, pp 80-90, out.

Montaño, C. (2005) *Terceiro Setor e questão social. Crítica ao padrão emergente de intervenção social.* São Paulo: Cortez.

Peruzzo, C. M.K. (1998) Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. (2ª ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.

Scherer-Warren, I. (1993) *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola.

Souza, A.I.(2006) Cefuria, 25 anos fazendo história popular. Série "*Memórias das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar*". Curitiba: Editora Gráfica Popular Cefuria.

Touraine, A.(1998) *Poderemos viver juntos?* Vozes: Rio de Janeiro.

Veron, E. (2005) *Espacios Mentales: efectos de agenda 2*. (pp. 127-138). Buenos Aires: Gedisa,